

Dr. George Payton, Tradução da Bíblia, Sessão 6, Linguagem, parte 1, Como nos comunicamos

© 2024 George Payton e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. George Payton em seu ensinamento sobre Tradução da Bíblia. Esta é a sessão 6, Linguagem, Parte 1, Como nos comunicamos.

Olá. Nesta palestra, queremos falar sobre como as pessoas se comunicam. Compreender como comunicamos ajuda-nos então a compreender como a tradução se enquadra em todo este domínio da comunicação humana. Para revisar, falarei sobre alguns tópicos que abordamos em algumas das outras palestras.

Conversamos sobre o que é tradução e definimos isso. Conversamos sobre os três diferentes tipos de tradução. Falamos sobre as qualidades de uma boa tradução e voltaremos a isso.

A importância do material de consulta das escrituras como parte do processo de tradução. O material de envolvimento com as Escrituras são coisas como filmes, músicas, palavras faladas, todas essas coisas que não são a Bíblia, mas que se relacionam com a Bíblia e atraem as pessoas para a Bíblia. O objetivo desses materiais de envolvimento com as escrituras não é procurar algo natural, preciso, claro ou aceitável.

Esses materiais existem para atrair as pessoas, atraí-las para a Bíblia, atraí-las para o Evangelho, atraí-las para um relacionamento com Deus ou para melhorar seu relacionamento com Deus se já forem crentes. Esses são os aspectos importantes da tradução que abordamos em palestras anteriores. Eu tenho um exemplo aqui de tradução.

Como falei ontem, vejo esses exemplos quando saio por aí só aqui na minha cidade, e isso foi na farmácia. E diz: prescrições do Medicaid são bem-vindas. Entregamos prescrições do Medicaid gratuitamente.

E então eles têm os espanhóis lá. E então, se você sabe espanhol, pode avaliar, bem, como eles se saíram? Eles comunicaram a mesma coisa? Bem, isso é o que dizem os espanhóis. Então, o primeiro, Sortimos receitas do Medicaid.

Preenchemos prescrições do Medicaid. Compare isso com o título em negrito em inglês. O título em inglês diz: Prescrições do Medicaid são bem-vindas.

O que os ingleses não dizem? O inglês não diz, nós preenchemos. E o espanhol não diz, bem-vindo. Então, pareceria muito estranho que a palavra para boas-vindas em espanhol, creio eu, fosse Bienvenidos.

Então, as prescrições do Medicaid Bienvenidos soariam muito, muito estranhas em espanhol. Soaria como, espere, você aprendeu isso em inglês, não foi? Então, esta é uma boa tradução? Pessoas que acreditam que a tradução deveria ser uma tradução literal, seguindo a forma. Isso diria então: não, esta não é uma boa tradução.

Comunica a ideia certa? Sim, parece. Assim, as pessoas são livres para trazer suas receitas do Medicaid para lá e elas serão preenchidas. OK.

E o segundo? Entregamos prescrições do Medicaid gratuitamente. E então não vou ler o espanhol para você. Meu espanhol é deplorável e eu realmente não falo espanhol.

Então, vamos à tradução. Portanto, a entrada de medicamentos em domicílio é gratuita. OK.

A entrega em domicílio é a primeira parte dos medicamentos Medicaid gratuitos. Então, a questão é: essa é uma tradução correta do inglês? Então, se compararmos, vemos que entregamos. Diz para onde entregamos? Isso não acontece.

Entregamos prescrições do Medicaid e o espanhol diz medicamentos do Medicaid. Não diz prescrições. Prescrições é a palavra que aparece nas receitas do Medicaid.

Recetas não está nesta segunda linha em espanhol. Então, não diz medicamentos, desculpe, não diz prescrição como medicamento. Gratuito e gratuito, é essencialmente a mesma coisa.

Nós vamos dar isso a eles. Vemos que você pode comunicar o mesmo significado de forma eficaz, mas não precisa ser exatamente o mesmo texto. Ele ainda consegue se comunicar bem de uma forma que faz mais sentido ou soa melhor nesse outro idioma.

E lidamos com isso em cada versículo da Bíblia. Lutamos com isso todos os dias. Isso é algo com que sempre lidamos.

Mas se você olhar para isso, eles acrescentaram informações dizendo entrega em domicílio? Lembre-se do que dissemos: as qualidades de uma boa tradução, precisão. E a precisão é que nada é acrescentado, nada é retirado e nada muda. Eles acrescentaram algo dizendo entrega em domicílio? Ou foi essa a intenção por trás dos ingleses? Eles acrescentaram algo ou mudaram alguma coisa dizendo medicamentos em vez de receitas? Talvez não.

Essa é a essência de “Entregamos receitas gratuitamente”. Isso implica que eles estão entregando medicamentos em vez da receita em papel ou o que quer que você

tenha que enviar quando quiser o medicamento. Então a questão é que olhamos para isso e dizemos que eles deixaram tudo mais claro e mais compreensível para o cliente que chega ao balcão.

E estas são apenas pessoas normais. Não importa quem eles são. Mas eles falam espanhol e querem saber: posso trazer meus medicamentos aqui? E se eu não puder ir buscá-los? Ou e se for para outra pessoa que está em casa? Como eles vão conseguir seus medicamentos? E aí mesmo diz, levaremos até sua casa.

Agora, provavelmente em inglês eles não estavam pensando, bem, nós entregaremos. Somos como Uber. Nós entregaremos em seu escritório.

Entregamos onde você estiver. Se você estiver no parque e quiser o Uber Eats, eles trarão seu pedido do McDonald's. Não diz tudo isso.

Mas provavelmente significa que o entregaremos em sua casa. Porque quando você liga ou combina para que entreguem seu remédio, eu pesquiso online e eles dizem: onde é sua casa? Qual o seu endereço? Então, estamos tentando mostrar através desta ilustração que esta é realmente uma boa tradução porque ela comunica bem, comunica claramente e transmite todas as informações. E acrescenta peças que faltavam e que eram necessárias para a outra língua ter.

OK. Podemos fazer isso com a Bíblia? Sim e não. E como sabemos a diferença? Falaremos sobre isso no decorrer das sessões.

OK. Tudo bem. Nós conversamos sobre intralingual.

Intralingual significa dentro da mesma língua. E ainda temos em mente essas mesmas qualidades de uma boa tradução quando fazemos intralingual. Simplificando e parafraseando.

E aqui estão algumas outras frases que eu não dei antes. Você precisa se registrar para seu exame físico anual com o Dr. Fox. Registro.

Você pode dizer para se inscrever? Inscrever-se. Você pode dizer anualmente em vez de anual? Sim, Provavelmente. Novamente, se você estivesse falando com uma criança, o que você poderia dizer a ela? E então você mudaria algumas dessas palavras do vocabulário.

Exame físico, check-up e com o Dr. Fox. Outro. Precisamos que você faça uma radiografia de tórax para confirmar que não tem tuberculose.

Então, precisamos tirar uma foto do seu peito. Isso é um bom substituto para o raio-x? Sim, Provavelmente. Uma criança de 8 anos sabe o que é um raio-x? Eles podem ou não.

Mas foto do seu peito. Você entra e eles colocam uma grande máquina em cima de você. Você não precisa explicar o que é um raio-x.

Você acabou de dizer foto. OK. Confirmar.

Para ter certeza de que você não tem. Novamente, confirmar é uma palavra adulta que você talvez não consiga comunicar a uma criança. OK.

Tuberculose. Você pode dizer uma doença pulmonar. Você pode dizer tuberculose, uma doença pulmonar.

Dessa forma, você está colocando isso no contexto disso. Ou você pode simplesmente dizer que seus pulmões não estão doentes. Ou que seus pulmões não estão doentes com alguma coisa.

OK. Então, novamente, estamos tentando reformular isso e reestruturar as coisas para que façam sentido para a pessoa com quem estamos conversando. E como dissemos, isso é uma paráfrase para se adequar à pessoa com quem estamos falando.

Da mesma forma que temos janelas para manequins e todos esses outros livros para manequins, porque precisam ser colocados em uma linguagem que eles possam entender para funcionar e fazer o que estão tentando aprender. Tudo bem. Precisamos lhe dar um sedativo antes de levá-lo para a sala de cirurgia.

Na Inglaterra, teatro, cirurgia. Tudo bem. Então, o que é um sedativo? Alguns dos meus alunos quando estão dizendo esta frase disseram algo para aliviar a sua dor.

Sedativo faz você dormir no meu vernáculo. Nunca um médico me deu um sedativo quando tive dores no corpo. Então alguma coisa, remédio para fazer você dormir.

OK. Então, aliviar a dor é um pouco diferente. Acho que a conotação ali não seria o que procurávamos.

Então, a ideia é, novamente, o que é essa imagem? O que está acontecendo? Onde eles estão e onde essa conversa está acontecendo? Ou é logo antes de a criança ser levada para a sala de cirurgia ou quando você chegar na próxima semana. Faremos essas coisas antes de você ser operado. E assim, é no contexto do consultório médico ou na cirurgia em preparação. E então, você pode imaginar quanto precisa preencher e quanto não precisa preencher.

E assim, antes de levá-lo para a operação, vamos lhe dar um remédio que o fará adormecer. Isso cobre o terreno. Observe que trocamos a última parte da frase e a colocamos na primeira parte.

Então, antes de levarmos você lá, vamos lhe dar algo para fazer você dormir. Antes de você ser operado, antes de você fazer a cirurgia, todas essas coisas, a essa altura o garoto já sabe que vai fazer a cirurgia. Vamos retirar seu apêndice, abrir seu estômago e retirá-lo.

Tudo isso já foi falado. Não precisamos adicioná-lo aqui. Portanto, mantemos esse cenário em mente enquanto tentamos comunicar isso à criança.

OK. Você já teve náusea ou vômito? Você já sentiu vontade de vomitar? Você vomitou? OK. A maioria dos meus alunos diria vomitar.

Acho que talvez alguns deles tenham dito vômito, mas não, provavelmente não. Alguns deles disseram que tinham dores de estômago. Você consegue ficar com dor de estômago sem vomitar? Sim você pode.

Eu já tive isso. Então, esta é uma pergunta sobre dor de estômago? Na verdade não. Sentir vontade de vomitar é náusea.

Na verdade, vomitar é vomitar. E a criança pode conhecer a palavra vômito, mas certamente todas as crianças sabem sobre vomitar porque, aos oito anos, você já vomitou muito. Você teve gripe.

Você já teve outras coisas. Então, ao olharmos para isso, ainda queremos permanecer dentro do contexto dessa frase e usar frases que reformulem e reformulem a palavra ou frase problemática em conotações normais do inglês americano normal. Tudo bem.

O último. O médico irá vê-lo novamente no consultório para uma consulta de acompanhamento em duas semanas. OK.

O médico quer que você volte em duas semanas. Se isso é tudo que você diz, isso cobre todas as informações? E estamos desconfortáveis, não estamos? O que está a faltar? Seguir compromisso. O que é uma consulta de acompanhamento? É ver o progresso que você fez a partir de agora e daqui a duas semanas, certo? Então, você toma remédio, ou já foi tratado de alguma forma, e o médico quer saber como você está e como está desde a última vez que esteve aqui? Então, veja como você está para que o médico possa verificar se você está melhor.

Algumas coisas assim precisariam ser transmitidas para comunicar a consulta de acompanhamento. Se a pessoa apenas disser que quer que você volte em duas semanas, como chamaríamos isso? Você removeu informações importantes da frase. Novamente, nada foi acrescentado, nada foi retirado e nada mudou.

Estes são os princípios que aplicamos ao interlinguismo, mas estes mesmos princípios entram em jogo quando realmente fazemos tradução. Então, quais são os tipos de coisas sobre as quais acabamos de falar? Conversamos sobre como ajustar o vocabulário. Vocabulário apropriado ao público é o que tentamos fazer.

Às vezes mudamos a ordem das palavras na frase, então a sala de cirurgia é a sala onde você será operado. Às vezes, alteramos a ordem das cláusulas.

Antes de levarmos você para lá, vamos lhe dar alguns remédios, em vez de lhe darmos remédios antes de nos trocarmos, antes de levá-los para lá. Às vezes, você tem um pedacinho que você acrescenta para deixar as coisas mais claras, e você quer manter aquela frase numa expressão apropriada para a criança, para a pessoa que está ouvindo. Por exemplo, tuberculose, um certo tipo de doença pulmonar ou uma certa doença pulmonar chamada tuberculose.

E então, você usa a frase que explica isso junto com a frase que é a parte problemática. E ficamos no texto. Não adicionamos um monte de explicações.

Vamos levá-lo para uma grande sala onde eles têm uma máquina enorme, e a máquina vai descer e tirar uma foto do seu peito. E não, ficamos no texto e não acrescentamos coisas extras. Queremos apenas nos comunicar de maneira limpa.

Então, queremos cobrir todas as informações. Lembre-se, não queremos deixar de fora a consulta de acompanhamento. Queremos ter certeza de que todo o conteúdo está lá e é transferido.

E então, novamente, tentamos considerar qual é a situação aqui. Onde eles estão? O que aconteceu antes disso? O que vai acontecer depois disso? E como, então, podemos transmitir a mensagem que estamos tentando transmitir de uma maneira diferente? Fazemos todos esses mesmos tipos de ajustes, todos esses mesmos tipos de adaptações em um texto no idioma de origem quando o traduzimos para um idioma de destino. Então, todas essas coisas são os mesmos processos mentais e os mesmos processos de tradução que fazemos quando fazemos uma tradução interlingual real entre duas línguas. E isso nos leva a falar sobre linguagem.

E este é o nosso ponto de partida. Se você ler qualquer livro sobre tradução, capítulo 1, e muitas vezes a frase 1 do capítulo 1 de vários livros diferentes que li, eles começam com linguagem e comunicação. E por que isso acontece? Porque a tradução é um tipo de linguagem.

É um subconjunto da linguagem humana. Portanto, precisamos entender o que é a linguagem, como funcionamos e como usamos a linguagem antes de abordarmos o que está acontecendo na Bíblia no que diz respeito à interpretação do que ela diz e antes de passarmos à etapa de traduzi-la para outro idioma, o segunda língua. Portanto, a tradução é um subconjunto da linguagem humana.

Por que precisamos conversar sobre isso? Todos nós sabemos sobre a linguagem. Nós o usamos todos os dias porque há certas coisas que não percebemos.

É tudo subconsciente. E então, o que a gente quer fazer é falar de coisas que vocês sabem, mas trazer à tona e deixar explícito, deixar aberto. Podemos falar sobre isso na parte frontal do cérebro, em vez de na parte posterior do cérebro.

Subconsciente, queremos falar sobre isso com antecedência. E uma das coisas que sabemos com certeza é que a linguagem é uma atividade social. Então, a menos que uma pessoa tenha problemas, geralmente você conversa com alguém.

Então, é uma atividade social interativa. E é entre pessoas. Às vezes você fala com seu cachorro e ele abana o rabo.

Certo, tudo bem. Mas você não vai falar sobre coisas espirituais profundas com seu cachorro ou algo assim. Então, é entre pessoas.

E por que as pessoas se comunicam? Quais são algumas coisas que fazemos quando nos comunicamos? Ou quais são algumas das razões pelas quais nos comunicamos? Ou todo esse processo de comunicação, formas como usamos a linguagem e a comunicação. Em primeiro lugar, pensando. Se você sentar e conversar sobre uma ideia com outra pessoa, você estará trocando ideias.

Esse é esse processo cognitivo de troca. E se considerarmos o que se passa no cérebro quando estamos sentados a ponderar sobre alguma coisa, pensamos com palavras. As palavras estão ligadas à forma como pensamos e como falamos.

Portanto, falar e pensar estão intimamente relacionados. E assim o pensamento, o processamento e toda a parte cognitiva da experiência humana estão envolvidos com a linguagem. E esta é uma das razões pelas quais as pessoas se comunicam para que possam expressar ideias.

Em segundo lugar, conexões interpessoais. Ei, como vai você? Grande homem. E aí? Tive uma semana difícil.

Lamento ouvir isso. Então, fazemos isso através de conexões pessoais: outra coisa, expressão criativa.

Então, temos poesia. Temos outras expressões artísticas com linguagem. Nós temos músicas.

As músicas são um nível diferente de comunicação, mas ainda usam linguagem e palavras. Portanto, a expressão criativa é uma das formas como usamos a linguagem, uma das formas como nos comunicamos. E muitas vezes, nem sempre, mas muitas vezes, um artista talvez tenha em mente uma mensagem na qual pensa quando está se comunicando, talvez em uma música, ou quando escreve um determinado poema ou algo assim, ou mesmo escrevendo um romance.

Às vezes você lê um romance e diz que essa pessoa tinha um machado para moer. Eles estão em sua plataforma e estão ressaltando isso. Isso faz parte da expressão criativa das palavras nestas diferentes formas de arte.

Uma das coisas é que apenas o usamos para expressar emoções. Cara, estou me sentindo muito deprimido hoje. Você pode expressar isso para outra pessoa, e ela poderá sentir empatia por você.

Outra coisa é influenciar, persuadir ou impactar outra pessoa. Pode ser para evocar certas emoções. Pode ser para evocar certas atividades.

Poderia ser encorajá-los a pensar de forma diferente. Pode ser algum outro motivo pelo qual você deseja influenciá-los. Mas esta é uma das coisas que fazemos com a linguagem.

Muitas vezes fazemos isso com crianças. Tommy, se você não terminar a comida, não vamos tomar sorvete. Então, Tommy diz, ok, quantas mordidas mais eu preciso dar? E você diz: Tommy deu cinco mordidas.

E então Tommy termina quatro e meio e pergunta, isso é bom o suficiente? Não, você precisa terminar mais um. Certo, tudo bem. Então você está influenciando Tommy falando com ele, prometendo-lhe uma recompensa se ele fizer o que você quer.

Ok, informe. Às vezes, queremos apenas contar informações às pessoas. Quando meu filho, Kerry, era pequeno, compramos para ele um relógio de Natal.

E ele tinha uns sete anos. E ele entrava e dizia, mãe, é 947. E a mãe dizia, Kerry, isso é ótimo.

Por que ele estava lhe dando essa informação? Ele estava dando essa informação porque estava entusiasmado por saber ler um relógio e saber ver as horas. OK, mas ele está dando informações. Agora, falei sobre esses conceitos com meus alunos e

perguntei a eles: quais são os três conceitos mais comuns que você vê em sua vida? Qual você acha que foi o número um para os alunos? Informar.

Eles estão ali para levar conhecimento em sala de aula, em palestras. E depois os outros dois, isso varia. Muitas pessoas disseram que a comunicação interpessoal era o número um.

Quantas vezes, porém, em conversas normais com as pessoas, o principal motivo pelo qual você está dizendo algo é que deseja informá-las sobre algo que elas não sabem? Quer dizer, quando fui ver meus netos no fim de semana passado, eu não estava lá para contar a eles, ei, adivinhe? Dirigimos da nossa casa até a sua casa. Levamos 37 minutos para chegar aqui. E agora é o vovô! Ah, Judá! Oi, como vai? Como você tem estado? Estou indo muito bem, vovô.

Como vai você? Estou bem. Com que frequência esse é o motivo padrão para a comunicação? Eu não sei o que é. Definitivamente pensamos e usamos palavras para pensar e processar.

Definitivamente temos expressão criativa. Conexões interpessoais estão ligadas a toda essa questão de ser entre duas partes, ou entre duas pessoas, ou dois grupos. Então, há esse aspecto interpessoal nisso.

Não posso dizer quais são os mais importantes, mas posso dizer que todas essas são formas diferentes que usamos, e poderia haver ainda mais. E por que estamos falando sobre isso? Eugene Nida foi um teórico da tradução nos anos 60, 70, 80, 90; e ele propôs inicialmente uma ideia chamada equivalência dinâmica nos anos 70, que foi muito mal compreendida, e ele realmente não conseguiu transmitir o seu ponto de vista. E então ele disse, ok, bem, o que estou realmente falando é de equivalência funcional, e agora vamos explorar esta área de equivalência funcional.

Inicialmente, ele pensou, o que estamos vendo é qual foi o impacto da Bíblia, ou da mensagem da Bíblia, para os ouvintes da Bíblia? E na verdade não sabemos porque não estávamos lá e não está gravado para nós. Mas então ele pensou, bem, qual seria o impacto que a pessoa queria que fosse? Então, quando Paulo diz aos gálatas, vocês, tolos gálatas, que os enfeitiçaram para acreditarem nesse lixo, o que Paulo queria que eles fizessem em reação ao que ele disse? Então, pergunta Nida, qual é a função do discurso ou enunciado e como isso se relaciona com a tradução? E então, disse ele, a primeira coisa é entender que existe uma função, entender que quem disse isso tinha um motivo para dizê-lo, e eles têm alguns, não necessariamente ocultos, mas têm alguma motivação por trás do motivo pelo qual queriam para dizer isso. E então, qual era a ideia do que o autor pretendia? Portanto, a intenção autoral é muito importante para determinar isso.

Outra questão é: qual é a relação entre esta função retórica e os meios retóricos para influenciar ou persuadir? Portanto, a retórica existe para influenciar as pessoas. Qual é a relação entre a função retórica pretendida pelo orador ou escritor do texto bíblico e a tradução? Vemos que as formas na Bíblia são um tipo de forma de expressá-la, com uma razão ou função específica por trás delas, e quando você a leva para outro idioma, você quer que as formas sejam iguais? Bem, às vezes, e veremos exemplos disso, você não diria isso dessa forma em outro idioma, mas ainda assim deseja que a mesma ideia, a mesma intenção e o mesmo impacto sejam transmitidos. Então, como podemos colocar essa forma da língua-alvo? Como podemos trazer essa função e colocá-la na língua -alvo? E veremos exemplos disso.

Olhando para a Bíblia como um todo, existem diferentes funções nos livros da Bíblia? Quais são as funções que vemos nos Evangelhos? Existem todos os tipos deles. Uma das razões do ensino de Jesus é ajudar as pessoas a compreenderem melhor a Deus e ajudar as pessoas a saberem como andar melhor com Deus, então estas são algumas das razões pelas quais ele contou estas parábolas. E quanto a Atos? E as Epístolas? As epístolas estão repletas de Paulo encorajando as pessoas a mudarem a maneira como pensam, a mudarem a maneira como acreditam, a mudarem a maneira como se comportam, e talvez alguns outros.

E o Pentateuco? A palavra hebraica é Torá, e Torá vem do verbo ensinar, então Torá significa ensinar. É ensinar para obter informação? É ensinar para causar impacto? É ensinar a influenciar? O que isso está nos ensinando e por que está nos ensinando isso? E quanto a Salmos, Provérbios, etc.? Então, estou nos encorajando a pensar nesse sentido antes mesmo de abrirmos um livro específico para traduzir esse livro ou partes dele. Ok, como podemos saber a função? Alguém disse, bem, você não pode saber disso.

Você não sabe o que está na mente do orador. Desculpe, mas é bastante óbvio quando Paulo diz, seus estúpidos gálatas, o que vocês estão fazendo pensando nessas coisas? É bastante óbvio que ele quer que eles parem de fazer alguma coisa, certo? Então, examinaremos isso mais detalhadamente, mas nosso ponto de partida é: podemos saber disso quando interpretamos uma passagem e, uma vez conhecido, podemos traduzi-lo? E como podemos traduzi-lo de forma eficaz para que essa intenção e o original sejam transportados para a tradução para esta outra língua? E quando lemos um livro, presumimos que entendemos a função. Presumimos que entendemos por que o autor disse isso.

Presumimos que conhecemos uma das razões pelas quais as pessoas se comunicam. Presumimos que vemos um ali com base em nossa compreensão e uso da literatura em nossa própria língua, em nosso próprio sistema e em nossa própria maneira de nos comunicarmos. Deixe-me lhe dar um exemplo.

O livro de Gênesis. O livro de Gênesis é uma sequência de eventos, e então você olha para isso e diz, bem, isso é uma história. E se você olhar para o início, esta é a história primitiva.

Assim era o mundo nos primeiros séculos, no tempo que Deus levou para criar tudo, e depois até o dilúvio, e depois disso vem a história patriarcal, a história dos patriarcas. Essa é uma forma legítima de interpretar o livro de Gênesis. Gênesis faz parte da Torá.

O propósito de Gênesis é especificamente ensinar história? É por isso que foi gravado para nós? Há uma pergunta para você. Você pode refletir sobre isso e continuaremos, mas tenha isso em mente enquanto conversamos. Na minha opinião pessoal, tudo na Bíblia nos ensina teologia.

Tudo na Bíblia nos ensina sobre Deus de uma forma ou de outra e, muitas vezes, nos ensina sobre Deus, nos ensina sobre nós mesmos e de alguma forma que precisamos nos realinhar melhor andando nos caminhos de Deus. Essa é a minha opinião pessoal sobre toda a Bíblia, e eu diria que tudo na Bíblia nos ajuda a compreender melhor a Deus. Tudo bem, a informação que estou apresentando agora é de uma estudiosa da Bíblia chamada Janine Brown, e seu livro é *Escritura como Comunicação*.

Se você não tem esse livro, eu o recomendaria, e por isso estamos delineando alguns dos princípios que ela apresentou, e não apenas ela, mas outros estudiosos, Van Hoover, e outros estudiosos da Bíblia também ecoam alguns dessas ideias, então não somos apenas Brown ou eu, são várias outras pessoas falando sobre a Bíblia como uma comunicação, e se pensarmos na Bíblia, temos o escritor bíblico, e temos o público, e então sabemos que há uma relação entre aquele autor e seu público, e dizemos que ele, todas as pessoas na Bíblia, todos os autores eram homens. De certa forma, é o autor comunicando uma mensagem de Deus às pessoas. Quero ver dessa forma, e nesse sentido, é Deus através do escritor se comunicando com as pessoas, e então é ver a Bíblia como um processo de comunicação em vez de, ah, isso é um livro, e vou ler este livro. Às vezes nos afastamos um pouco demais do livro, mas se tivermos em mente que isso é Deus se comunicando conosco, o Espírito Santo pode falar conosco enquanto o lemos e pode nos impactar, e até você pode ler a mesma passagem um dia, e ele diz uma coisa para você, outro dia, ele diz outra coisa para você, então este é esse processo de comunicação, e Deus não está ausente desse processo.

Deus está conosco para nos ajudar e iluminar nossas mentes enquanto lemos as escrituras, e assim é todo esse processo de comunicação. Uma das coisas com as quais Brown começa e que já aludimos é toda essa questão de intenção autoral. Por que é importante começar observando o que o autor pretendia ao compreender as escrituras? Novamente, estamos tentando dizer este autor, e acreditamos que comunicação é comunicação com um propósito específico.

Eles não escreveram aleatoriamente só porque tiveram vontade de escrevê-lo. Não foi apenas, ei, quero publicar um livro, portanto vou escrever isso. Geralmente havia alguma razão para isso, e muitas vezes, especialmente se você olhar as epístolas, Paulo estava falando sobre a situação da população local que ele conhecia e que eles conheciam, e assim seu discurso ou seus escritos eram relevantes para o seu povo. situação, então ele estava falando por um motivo específico ou motivos relacionados a essas pessoas.

Então, essa ideia de o autor ter algo em mente não é um conceito novo. Isso não é algo incomum. De que forma ver o significado das Escrituras como um ato de comunicação do autor, em vez de um texto impresso, impacta seus pontos de vista ou os nossos pontos de vista sobre como entendemos a Bíblia? E de qualquer forma, quem é esse autor e quais eram seus objetivos? Quais foram as coisas que vamos ver? O que estamos dizendo? Vendo que esta Bíblia que temos, que estamos tentando nos comunicar nessas outras línguas, vê-la como um ato de comunicação pode nos ajudar a procurar coisas diferentes e a ver coisas diferentes no texto que, de outra forma, poderíamos ter perdido ou negligenciado.

E compreender que este é um processo de comunicação humana impresso ajuda-nos a ver as escrituras de uma forma diferente, o que pode melhorar a nossa capacidade de traduzi-las. Existem outras opiniões sobre o significado do texto e, por assim dizer, onde ele é determinado ou onde reside? Então estamos dizendo que o autor determina qual é o significado. O autor é aquele que disse algo, e o que ele quis dizer é o que o texto significa.

Nem todo mundo acredita nisso. Algumas pessoas dizem, bem, depende do leitor, e o leitor diz, bem, é isso que significa para mim. O que isso significa para você é o que significa para você.

O que isso significa para mim é o que significa para mim. Essa é uma visão. Outra visão é o próprio texto, não o autor, mas é do próprio texto que obtemos o significado.

Então você olha o significado, fica no texto, e o texto determina isso. Um de meus alunos disse que seu professor do seminário tinha essa opinião. Ok, mas o que você faz quando Jesus cita Moisés? Moisés disse isso, mas ainda assim eu digo a você.

A lei dizia isso, mas eu digo a você. Quando ele diz isso no Sermão da Montanha, ele está nos levando para fora do texto, e a menos que você entenda o que é a lei, você não pode permanecer no texto. É muito, muito difícil porque você tem todas essas dicas, alusões e referências a coisas fora do texto.

É muito, muito difícil dizer. Basta ficar com o significado do texto, e isso é tudo que podemos continuar. Outra é a visão histórica de onde está o significado. Bem, está nessa história, está naquele período de tempo, e é assim que determinamos qual é o significado.

Essa visão de que o autor tem a fonte do significado, e ele comunica o significado, e é determinado pelo que eles pensam, era o modo padrão de interpretação bíblica até talvez o início de 1900, talvez um pouco mais tarde, e então começou a cair fora de favor. Até mesmo autores seculares dos anos 70 e 80 começaram a dizer, bem, na verdade, há algo nessa coisa de intenção autoral. Assim, mesmo os autores seculares começaram a desafiar a visão de que não se pode realmente saber qual é o significado e se o significado está no texto ou em algum outro lugar.

Deixe-me fazer esta pergunta. Além da Bíblia, você já leu alguma coisa e não pensou no que o autor quis dizer? Que tal uma mensagem de texto para você? E a mensagem de texto não é clara, e você pensa, o que esse cara quer dizer? Que tal um artigo no jornal, ou algo em um site, ou um livro que você está lendo? Sobre o que esse autor está falando? Não entendo o que eles estão tentando dizer. Essa é a nossa maneira padrão de pensar.

E porque? A comunicação tem o propósito de comunicar algum tipo de mensagem. Não estou entendendo a mensagem, portanto não estou entendendo qual é o significado. Então, esta é a nossa maneira padrão de pensar, que de alguma forma nos divorciamos disso quando olhamos para a Bíblia.

E eu digo, ok, isso é comunicação. Ele se enquadra nessa categoria. Vejamos da mesma maneira.

Tudo bem. Salmo 1. Qual é a intenção do autor aqui? Quão bem-aventurado é o homem que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores, mas o seu prazer está na lei do Senhor, e na sua lei ele medita dia e noite. Ele será como uma árvore firmemente plantada junto a correntes de águas, que dá o seu fruto na estação própria, e a sua folha não murcha, e tudo o que ele faz, ele prospera.

Não é assim com os ímpios, e assim por diante. Há algo que você possa imaginar que o autor talvez queira que façamos a partir disso? Existe alguma coisa que você pode ver aí que o autor não quer que façamos? Ou o autor está nos encorajando a agir dessa maneira e nos encorajando a evitá-la? Se for apenas para informação, nós olhamos e pensamos, nossa, isso é legal, e então viramos a página. E se for mais do que isso? E isso é tudo sobre intenção autoral.

Por que isso está na Bíblia? Em primeiro lugar, por que o autor o escreveu e por que foi incluído nas Sagradas Escrituras? Pense sobre isso. Continuando neste tema da

intenção autoral, temos esta passagem de Colossenses. Assim, como aqueles que foram escolhidos por Deus, santos e amados, revestem-se de um coração de compaixão, bondade, humildade, gentileza e paciência, suportando-se e perdoadando-se mutuamente, quem tiver queixa contra alguém, assim como o O Senhor perdoa você, então você também deve, além de todas essas coisas, revestir-se do amor, que é o vínculo perfeito da unidade, deixar a paz de Cristo governar em seus corações, para o qual você foi chamado, em um só corpo, e ser grato.

Paulo usa uma linguagem que parece bastante encorajadora, não é? Agora, não é, por assim dizer, uma ordem colocada em um coração de compaixão, mas ele está exortando seu público em Colossos, e também nós hoje, para que façamos essas coisas também, e isso é obviamente porque ele usa uma linguagem que soa como ele está pedindo que eles façam algo, tenham um coração de compaixão, etc., tenham paciência um com o outro, aguentem firme quando vocês estão nesse relacionamento, perdoem um ao outro, porque Deus perdoou vocês, revestam-se de amor, deixem a paz de Cristo governar em seus corações, sejam gratos, então ele está dando a eles essas exortações que parecem exortações, é muito claro. Não creio que alguém possa ler isso e não entender isso deste texto. Contudo, os escritos de Paulo são profundos e misteriosos.

Que tal este? O amor é paciente, o amor é gentil e não ciumento. O amor não se vangloria e não é arrogante, não age indecentemente, não busca o que é seu, não se deixa provocar, etc. E a última coisa, agora, a fé, a esperança e o amor, estes permanecem, mas o maior deles é amor.

O que Paulo quer que façamos com tudo isso? Ele quer que façamos alguma coisa? Como podemos saber se ele quer que façamos alguma coisa? Bem, precisamos ler as escrituras no contexto das escrituras. No final do capítulo 12, ele diz o quê? Os dons espirituais são ótimos, mas deixe-me mostrar-lhe um caminho melhor. Uma maneira melhor para quê? Ele é um pouco enigmático e não explica isso para nós.

E então temos o capítulo 13, famoso por ser chamado de capítulo do amor. Será que ele está nos dizendo que é assim que deveríamos ser? Pense sobre isso. Então lemos no capítulo 14, e o capítulo 14 versículo 1 diz isso, siga o caminho do amor.

Espere, o que você quer dizer com seguir? O que devo fazer aqui? Então voltamos e lemos o capítulo 13 e pensamos, ah, é isso que Paulo estava tentando dizer? Mas você percebe como lá em cima está faltando totalmente qualquer uma daquelas palavras que ele usou em Colossenses que dizem claramente, você deveria fazer essas coisas, você deveria ser humilde, você deveria ser gentil, você deveria ser, etc. Não digo isso em 1 Coríntios 13. Isso sai sutilmente, e então isso é tudo: o que eles dizem, o que eles querem dizer, como podemos determinar isso? E não creio que alguém discordaria de que Paulo quer que vivamos assim.

E definitivamente temos o versículo 14, 1, quando ele conclui e depois passa para outro tópico sobre os outros presentes. Então, ao olharmos para isso, pensamos, ah, uau, nunca percebi que havia algumas instruções aqui, e é isso que estamos tentando dizer, é o que o autor pretendia e como podemos comunicar essas intenções em outro idioma? Então, antes de tudo, o que é isso? E em segundo lugar, como podemos comunicar isso? Aqui está outro de Paulo no mesmo livro, Coríntios. A comida não nos condenará; o capítulo 8 fala sobre comer alimentos sacrificados aos ídolos.

Não seremos piores se não comermos aquela comida sacrificada aos ídolos, aquela carne, nem melhores se o fizermos. Mas tome cuidado, esta é uma das poucas coisas em que ele realmente diz o que devem fazer, mas tome cuidado para que esta sua liberdade não se torne de alguma forma uma pedra de tropeço para os fracos. Não há um comando realmente forte lá.

Ele continua, pois se alguém vir você, você que tem o conhecimento, comendo em um templo de ídolo, então comendo em um desses templos onde a carne é sacrificada, sua consciência, se ele estiver fraco, não será fortalecida para comer essas coisas sacrificado aos ídolos. Se ele vir você fazendo algo errado, isso não o influenciará a fazer a coisa errada também? Pois através do seu conhecimento, aquele que é fraco está arruinado. Então, nós os desencaminhamos.

Pelo irmão por quem Cristo morreu. Então, este é um irmão em Cristo, e ao comermos aqueles ídolos que alimentam os ídolos, isso poderia então enganar e afastar alguém de sua caminhada com Deus. E assim, ao pecar contra os irmãos e ferir a consciência deles quando ela está fraca, você pecará contra Cristo.

Portanto, se a comida fizer tropeçar meu irmão, nunca mais comerei carne, para não fazer meu irmão tropeçar. O que Paulo quer que eles façam? Quando ele diz a última frase, ele está expressando esse seu desejo de uma forma indireta, e precisamos descobrir quais são essas formas indiretas. O que é que ele está realmente dizendo? Devido à maneira como ele diz isso aqui, não está claro em inglês se ele está dando exortações ou comandos.

Pelo menos não para alguns. Pode ser que ele esteja apenas dando informações importantes. Então, quando ele diz, se isso vai acontecer com meu irmão quando eu comer carne, então não vou comer carne novamente.

Podemos extrapolar? Ide, portanto, e fazei o mesmo. Se o que você está fazendo faz outro irmão tropeçar, por favor, não faça isso. Por favor, considere-os.

Saiba que o que você está fazendo irá influenciá-los. Estou errado nisso? Espero que o que estou tentando fazer seja nos encorajar a olhar mais de perto para as escrituras e olhar mais de perto para esta comunicação que Paulo tem com seu povo

e que o escritor bíblico tem com seu público, para que possamos então determinar o que o o ponto é. Então, a questão toda é: como comunicamos isso em outro idioma? E esse é um processo muito, muito desafiador e difícil de fazer, especialmente quando você tem esses idiomas de outras partes do mundo.

Ok, então, começamos com, da interpretação à tradução, começamos com qual é a nossa interpretação da passagem? O que isso significa? O que o outro está dizendo às pessoas? E como dissemos, o que Deus está dizendo ao povo? E o que ele está dizendo ao povo para fazer, ou o que ele está nos dizendo para fazer? Como podemos traduzir o que o texto significa e, ao mesmo tempo, comunicar essa intenção e/ou função no texto, bem como a pragmática do que o texto trata? Então, você tem o significado e a razão para o significado, e por isso precisamos manter ambos em mente quando traduzimos. Usamos as formas de comunicação da língua-alvo. Usamos suas formas para comunicar essas intenções sutis, de modo que os leitores daquela outra Bíblia captem essas dicas e pistas e formas sutis de comunicação, e entendam o que o autor pretendia para seu público, que é então o mesmo que Deus e as escrituras bíblicas pretendem para nós em nossos dias. Então, pararemos por aí e passaremos para outro em apenas alguns minutos.

Obrigado.

Este é o Dr. George Payton em seu ensinamento sobre Tradução da Bíblia. Esta é a sessão 6, Linguagem, Parte 1, Como nos comunicamos.